

Apresentação

Este livro colocado à disposição do público é um modo de compartilhar caminhos e convidar pessoas curiosas a percorrermos, por meio das palavras e recursos gráficos, desafios identificados e estratégias para o enfrentamento deste inesperado período de pandemia.

Os textos que compõem esta obra são oriundos do VIII Colóquio Ibero-americano de Educomunicação (VIII CIEducom) e IX Colóquio Catarinense de Educomunicação (IX CCEducom), realizados em março de 2021. Em um ano no qual o vírus SARS-CoV-2 e variantes circularam por diversos territórios, **Educomunicação em tempos de pandemia: práticas e desafios** foi o tema discutido nos eventos.

A educomunicação pode ser reconhecida como uma epistemologia do Sul e situada dentre as práticas pedagógicas outras. Tal se evidencia no empenho em buscar subsídios para/em criar e fortalecer ecossistemas (edu)comunicativos abertos, democráticos, criativos, horizontais, midiáticos. Cabe lembrar que na América Latina temos heranças coloniais, mas também lutas de resistência. Ficamos subordinados, ontológico-axiológico-epistemologicamente, mas resistimos, (re)existimos. A palavra – silenciada, pronunciada, colocada em circuito de diálogo – é uma possibilidade com a qual compreendemos e agimos no mundo.

Conforme enunciado na ABPEducom (2021), o conceito de educomunicação é compreendido “como um paradigma orientador de práticas sócio-educativo-comunicacionais”. As discussões empreendidas na área da educomunicação visam ecossistemas (edu)comunicativos em espaços da educação formal, informal e não formal. Essa tarefa demanda o reconhecimento das vozes de diversos sujeitos (individuais e coletivos), atenção no que se refere a produção e circulação de mensagens e as possibilidades formativas das mídias. Exige consciência, crítica, posicionamento e disposição. Requer concepções ético-políticas na leitura de mundo, nos encaminhamentos dos movimentos sociais e suas correspondências com práticas educativas e políticas educacionais.

As pedagogias latino-americanas, quais sejam, as que clamam pela educação popular, encontram suas fontes já na segunda metade do século XIX. Dentre as características e compromissos da educação popular está o de assumir e comprometer-se com o seu tempo. Para tanto, a leitura de mundo, entendida como a aproximação dos conteúdos com as condições de vida concretas, é possibilidade de enfrentamento e ação transformadora.

As imbricações entre as mídias e a educação tem se evidenciado na América Latina, sobretudo desde os anos 1960. Lidar com as unidades dialéticas consciência e mundo, subjetividade e objetividade, teoria e práxis, visando aprendizagens para construção do sujeito emancipado, é uma tarefa enfatizada por Paulo Freire. Esse é o cerne da metodologia que conhecemos como pesquisa participante, que foi concebida inicialmente por Orlando Fals Borda como investigação-ação participativa (IAP), como uma metodologia que possibilita conhecer a realidade para transformá-la.

Nos colóquios acerca da **Educomunicação em tempos de pandemia: práticas e desafios** se fizeram presentes pesquisadores/as seniores, pesquisadores/as iniciantes, doutorandos/as, mestrandos/as, integrantes de grupos de pesquisa, educadores de diversas regiões do país e do mundo. No transcurso de oito dias do mês de março de 2021, encontros intensos reuniram participantes tocados pela realidade inesperada da modalidade online de educar, educar-se, desenvolver projetos formativos. A propagação do vírus que causa a Covid-19 exigiu que ficássemos em isolamento social. Instituições de ensino tiveram portas e portões fechados, assim como os espaços físicos para a educação informal e não formal ficaram impossibilitados.

Educadores, educadores e educandos precisaram modificar modos de educar, aprender, ensinar. Embora mídias diversas e tecnologias digitais fizessem parte do cotidiano de muitos; embora conhecimentos estivessem disponíveis sobre as mídias e educação, e em específico sobre as potencialidades pedagógicas de equipamentos, softwares, aplicativos e jogos; houve momentos de perturbação. Com a pandemia, houve a exigência de repensar a educação, a presença das mídias, as possibilidades educacionais. Claro se apresentou a diferença de acesso aos recursos culturais e simbólicos da cultura digital e à compreensão deles. Foram inúmeras as tentativas e os desafios para prosseguir com atividades educacionais.

Problemas que por vezes ficaram do lado de fora do espaço educacional, como a finitude do humano, a precariedade econômica, o sentido dos conteúdos, os sentimentos, se fizeram visíveis. A concretude da existência, a vida com suas exigências e urgências adentrou os espaços educacionais. O cuidado com a vida, com o mundo, com as relações, a relevância dos sentidos tornou-se premente.

Quando a pandemia sobrepujou nosso cotidiano, quanto a tarefa de educador/a, educador/a: o que foi necessário fazer? O que foi feito? O que podemos ainda fazer? Quais os limites? Quais os fins da ação? O que precisa manter-se? O que precisamos melhorar? Quais os limites dos recursos das mídias? Do que aprendemos, mantivemos e modificamos, o que poderá/merecerá perdurar/ter continuidade?

As questões partilhadas inicialmente como conferências, palestras, debates, socialização de pesquisas estão aqui organizadas em três partes na perspectiva do diálogo intercultural ibero-americano. Ao todo são vinte e sete capítulos, de textos escritos ora por um, ora por duplas, trio ou mais pessoas. Preserva-se com isso as múltiplas configurações e a dinamicidade dos contextos, dos espaços, do sentipensar.

A primeira parte do livro, intitulada **Perspectivas do campo Educomunicação em contexto de pandemia**, tem início com as considerações de Joan Ferrés sobre as “Telas multipartidas e Covid-19”, abordando perdas, ganhos, a função mobilizadora e a função cognitiva das emoções, bem como a gestão das mesmas. Compreender as práticas comunicativas é apresentado como possibilidade para enfrentar os desafios da educação midiática presente nos tempos de pandemia. O autor traz ainda considerações sobre os desafios da educação midiática.

As “Condições para a apropriação de tecnologias digitais por crianças” são desenvolvidas por Roxana Cabello. O texto apresenta resultados de uma pesquisa realizada com crianças na faixa etária de seis a oito anos de idade. O leitor poderá conhecer como se deram as interações das crianças, seus processos de apropriação das tecnologias digitais, o acesso e o uso de tecnologias nas suas residências.

A mediação tecnológica que torna possível a comunicação durante o período de isolamento social é o ponto inicial de análise realizada por Ademilde Silveira Sartori no capítulo “Ecosistemas educacionais e isolamento social: perspectivas para práticas pedagógicas educacionais”. Diversas concepções educacionais são apresentadas como orientadoras na condução de atividades com uso de recursos, como o audiovisual. Poderemos percorrer ainda apontamentos sobre a comunicação na educação, sobre processos comunicacionais democráticos e participativos, além de conhecer o conceito de ecosistemas educacionais. Os modos de interação abordados pela autora caracterizam a prática pedagógica educacional como propícia às exigências das novas sensibilidades em cultura digital.

As novas habilidades para uma nova maneira de ensinar são apresentadas por Dulce Márcia Cruz no ensaio “Professor midiático em tempos de pandemia: novos conteúdos e habilidades, desafios e possibilidades criativas”. A autora discute como os professores brasileiros viveram o primeiro ano de convivência com a Covid 19, momento que tiveram que desenvolver diversas estratégias iniciais de apropriação das mídias. Os depoimentos de professores e pesquisadores, bem como os conceitos de ubiquidade

e glocalização permeiam o capítulo “Educar com a mídia: experiências educativas em tempo de pandemia da Covid 19”. Nele, Andrezza Tavares e Bento Silva socializam uma experiência de educomunicação ocorrida na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte, Brasil.

Na segunda parte do livro, sob o título **Educomunicação socioambiental e os objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS)** poderemos conhecer projetos que se unem aos esforços globais para atingir as metas da Agenda 2030, da qual o Brasil é um dos 193 países signatários.

O Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 14 – Vida na Água - é desenvolvido por Patricia Zimmermann em “Comunicação e Educação para a Agenda 2030”. Neste texto, acompanhamos a experiência da elaboração de uma formação on-line, vinculada ao programa Horizonte Oceânico Brasileiro e PainelMar. A formação aborda o papel das relações entre meio ambiente, comunicação e educação para a cidadania.

Em “Educomunicação e os objetivos de desenvolvimento sustentável: uma inter-relação necessária”, Rafael Gué Martini dedica-se a cada um dos conceitos-chave do título, apresentando relações possíveis. Apresenta análises quanto a participação do Brasil para alcançar os 17 objetivos da Agenda 2030. Ao entender a educomunicação como uma epistemologia do Sul, a valorização de sabedorias nativas é considerada no texto.

As pesquisadoras Naira Rosana Albuquerque e Marta Jussara Cremer apresentam “A importância da Comunicação estratégica em projetos socioambientais”, que relata as experiências adquiridas em 20 anos do projeto Toninhas. Nesse percurso, percebe-se a necessidade de reforçar processos educacionais que articulem junto à população a democratização da informação.

“A práxis educacional para a Cultura Oceânica” é o texto no qual Patricia Zimmermann aproxima o Programa Horizonte Oceânico Brasileiro (HOB) e o ODS 14, considerando a utilização das mídias, a mediação tecnológica tendo em vista a participação cidadã.

As possibilidades de vínculo do ODS 14 com a Década do Oceano são abordadas em “A educomunicação socioambiental no contexto da cultura oceânica: a experiência do Coletivo Memórias do Mar”. O artigo é assinado por Leopoldo Cavaleri Gerhardinger, Dannieli Herbst, Rafael Gué Martini e José Matarezi, que destacam algumas ações educacionais realizadas ao longo dos anos. Para tanto, o enfoque analítico da socioanálise comunicacional foi a opção para aproximação com a perspectiva da educação. O trabalho com os registros áudio-scripto-visuais das ações do Coletivo Memórias do Mar se deu, portanto, na análise de dimensões socioeducacionais.

Barbara Lage Ignacio, Andrezza Justino Gozzo Andreotti, Tatiana Martelli Mazzo e Ronaldo Adriano Christofolletti, compreendendo que as mudanças necessárias para o desenvolvimento sustentável podem vir da aproximação da ciência, educação e colaboração, discorrem acerca do programa “Maré de Ciência: engajamento e cultura oceânica”. Oceano e desenvolvimento sustentável, universidade e ciência transformadora, intercâmbio de saberes e outras ações em favor da cultura oceânica e desafios enfrentados durante a pandemia constam ainda no artigo.

Ampliar o conhecimento, mobilizar saberes e engajamentos – próprios da educação - para com questões da biodiversidade das regiões e espécies é apresentado por Daiana Proença Bezerra e Marta Jussara Cremer no “Projeto Toninhas/ UNIVILLE – Conhecer e comunicar para conservar”.

“Qual educomunicação nas políticas públicas de saúde?” Com essa pergunta, Claudemir Edson Viana e Irma Neves nos conduzem a conhecer o projeto Educom Saúde SP. Percorreremos a trajetória desde o ano 2017 até ações pretendidas para o ano de 2021, encontrando agentes de saúde, formadores e órgãos públicos envolvidos e

projetos de ações educacionais. Dentre elas, um curso desenvolvido em plataforma digital, com três níveis de ação pedagógica. O potencial dialógico no contexto das ferramentas digitais e no trabalho “com” as pessoas é apresentado.

A terceira parte do livro, intitulada **Formação docente no contexto da pandemia**, conta com o capítulo “Formação pedagógica na pandemia: estrutura, motivações e dificuldades”, de Patricia Jantsch Fiuza, Jonatan Santos Beretta, Lilian Isana Gonçalves Rocha Oenning, Maria Helena Machado Sorato, Paula Behenck Machado, Vitoria Gabrielle Milioli. Neste, integrantes do Laboratório de Mídia e Conhecimento compartilham suas impressões ao desenvolverem um curso de extensão para a rede municipal no estado de Santa Catarina. Tecnologias interativas, formação de professores, a tutoria bem como as impressões dos cursistas no curso realizado em situação e caráter emergencial, são apresentados aos leitores.

A partir da interlocução entre duas pesquisas desenvolvidas junto ao Grupo de Pesquisa Edumídia – Educação, Comunicação e Mídias, Lauro Roberto Lostada, Gleice Assunção da Silva, Daniela Karine Ramos e Dulce Márcia Cruz desenvolveram o capítulo “Formação de professores a distância: cultura digital e identidade midiática docente na pandemia”. A Especialização em Cultura Digital (ECD) é um elo para ponderações acerca de um curso desenvolvido por docentes de várias instituições de ensino superior, para repensar práticas com narrativas de vida dos professores participantes.

No capítulo “Formação e capacitação docente com jogos digitais: Mídia educando com o Game Comenius”, Denise Figueredo Loch e Dulce Márcia Cruz apresentam referencial teórico, metodologias e práticas pedagógicas inovadoras desenvolvidas em três cursos de extensão. A integração das tecnologias disponíveis tornou-se evidenciada para alguns docentes em contexto da pandemia da Covid-19. A perspectiva teórica contempla dimensões da mídia-educação; ampliação dos letramentos e do letramento lúdico; e da aprendizagem baseada em jogos digitais. Poderemos conhecer o game Comenius - projeto de mídia-educação com inserção na formação docente.

Frente ao inesperado silêncio que se impôs nas edificações escolares com a pandemia da Covid 19, uma das estratégias para continuar ecoando vozes de docentes e estudantes foi a construção coletiva do Portal Educacional. No capítulo “Entre Telas: a educacionalização na construção do Portal Educacional da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis”, Raquel Regina Zmorzenski Valduga Schöninger e Maurício Fernandes Pereira, apresentam-nos o Portal, incluindo seu desenho pedagógico, suas funcionalidades e diversas orientações, atividades e jogos que nele constam. Encontramos algumas contribuições da educacionalização nesse portal direcionado para a Educação Infantil, Ensino Fundamental, Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJA) bem como para as instituições conveniadas da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (RMEF).

“As práticas escolares mudaram (?) E agora, professor? Tempos de refletir sobre educacionalização e literatura nas práticas educativas” é um artigo que constata o uso do prefixo ‘re’ em verbos de ação, como resignificar, reestruturar, replanejar, reescrever, dentre outros, Luciana Souza de Oliveira Costa, Marieli Paim de Lima, Ana Paula Waltrick e Vanice dos Santos abordam contribuições da educacionalização na nova rotina escolar. A desigualdade no acesso aos recursos tecnológicos, ecossistemas comunicativos, relevância dos meios na educação estão contemplados. Há ainda destaque para os encontros que a leitura permite, como a partilha e construção de significados. Ensinar, aprender, escutar, dialogar.

Por fim, a quarta parte do livro, **Experiências e práticas pedagógicas na cultura digital**, conta com o capítulo “Educacionalizador como agente de integração das tecnologias de informação e comunicação na escola”, no qual Rafael Gué Martini analisa a práxis educativa. Algumas descobertas de sua pesquisa de doutorado realizado na Universidade do Minho aqui compartilhados, sustentam-se nos conceitos de ciência (epistemologias do sul), Educação (institucional e educativo), Comunicação (socioco-

munitário) e Tecnologia (mediático-tecnológico). O autor revisa ainda a epistemologia da Educomunicação, propondo mudanças em suas áreas de intervenção e contextualizando as Práticas Pedagógica Educomunicativas (PPE).

Em “Inclusão digital e os processos pedagógicos: 12 anos de extensão em espaços formais e informais de educação” Leila Laís Gonçalves e Graziela Fátima Giacomazzo relacionam formação de educadores, formação tecnológica e a fluência na/com a cultura digital nas práticas pedagógicas. O relato das integrantes do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Educação e Cultura Digital se dá em perspectiva crítica e abordagem sociotécnica. O conceito de práticas pedagógicas educacionais mostrou-se como um caminho para o processo educativo de encontro dos sujeitos com as mídias e ecossistemas comunicativos.

“Metodologias de pesquisa em games: uma análise da produção e das pesquisas do grupo Edumídia/UFSC/CNPq” é o capítulo no qual Daniela Karine Ramos, Dulce Márcia Cruz, Bruna Santana Anastácio, Fernando Silvio Cavalcante Pimentel, Tainara Rúbia Campos e Claudia Regina de Brito, apresentam a metodologia da revisão de escopo. Pesquisas que contemplaram games ou aprendizagem baseada em games; pesquisas empíricas e produção científica estão dentre os critérios utilizados para a seleção do material investigado.

No capítulo “Literacia digital crítica: conhecimentos para a prática social” encontramos resultados de uma pesquisa teórica desenvolvida por Michele Mezari Oliveira e Graziela Fátima Giacomazzo. A fim de pensar as questões que abrangem as tecnologias nos espaços educativos, as autoras examinaram várias concepções de literacia digital e de tecnologia, abordando-as na perspectiva crítica.

No capítulo “Estudantes e suas relações com a internet: habilidades digitais e desempenho no ensino fundamental”, Catia Regina Bernardes Fernandes e Patricia Jantsch Fiuza nos apresentam um estudo empírico realizado em uma escola pública do município de Florianópolis, Santa Catarina. Participaram da pesquisa estudantes do ensino fundamental dos anos finais, seus professores e especialistas pedagógicos. Os boletins escolares dos estudantes foram outra fonte de coleta de dados.

Reconhecendo o propalar das mídias digitais em contexto da pandemia, Diego Passos Lins, Luciana Ferreira e Nadia Aparecida de Lima Coser dedicam-se a pesquisar sobre “Práticas educacionais na educação infantil”. Para tanto, considerando o uso das mídias digitais, abordam a pedagogia da comunicação e também a pedagogia educacional. Apresentam ainda as práticas da educação musical e da dialógica na contação de histórias.

“Ambiente virtual interativo para o ensino de anatomia humana: um jogo sério para o sistema muscular” é o capítulo no qual Poliana Francibele de Oliveira Pereira, Patricia Jantsch Fiuza e Robson Rodrigues Lemos dão a conhecer uma pesquisa de tecnologia aplicada em suas diversas etapas. Na exposição do projeto, desenvolvimento e validação, vamos nos inteirando de como pode ocorrer a participação ativa dos usuários e aprendizes, via plataforma tecnológica, com o conteúdo educacional caracterizado como jogo sério.

“Movimentos sociais na cultura digital: a atuação dos sujeitos e a formação humana cidadã”, é o texto de Juliano Carrer e Graziela Fátima Giacomazzo, O estudo de caso, almejando diálogos online e offline, teve como suporte a mídia social facebook. Autores como Suchodolski, Freire, Severino, Santos, Castells, Gohn Scherer-Warren alicerçam o arcabouço teórico.

No último capítulo, Cristina de Fátima Marcon Buogo, Eliane Andrzejewski, Léia Kelly Rodrigues da Silva e Raquel Maciel Lopes versam sobre “A criação de ecossistemas comunicativos no ensino básico e no ensino superior no contexto da pandemia”. Ao considerar o sistema educacional brasileiro, as ponderações dão destaque ao que está preconizado na Constituição Federal de 1988 e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) de 1996. Presencialidade, diálogo síncrono e assíncrono, ubiquidade, experiências didáticas em ambientes digitais, processos comunicativos, dentre outros, são conceitos que entrelaçam os desafios e possibilidades em cultura digital.

Ao percorrer dos capítulos, conheceremos como a educomunicação circula de forma interdisciplinar em diversos contextos. Testemunhamos possibilidades do coletivo, dos sentidos coletivos.

Por circunstâncias existenciais diversas, o compartilhar de ideias entre todos esses autores e autoras com o público se deu exclusivamente nos encontros remotos do VIII Colóquio Ibero-americano de Educomunicação (VIII CIEducom) e IX Colóquio Catarinense de Educomunicação (IX CCEducom). Neste livro que você tem em sua tela, embora nem sempre evidente, a vida se faz presente. **Educomunicação em tempos de pandemia: práticas e desafios** está perpassada pela disposição em compartilhar, em dialogar, em (re)existir, em resistir, em (re)inventar e (re)aprender.

Com a disposição amorosa do viés educacional, desejamos uma excelente leitura. E que estes textos nos instiguem a continuar os encontros, os diálogos, na constituição e fortalecimento de nossos coletivos.

Vanice dos Santos

Professora Adjunta do Departamento de Educação,

(CCHSA/UFPB)

Integrante do Observatório Ibero-Americano de Educomunicação – Bernunça 2.0

Integrante da Rede Interinstitucional de Pesquisa em Educação Filosófica